REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

HISTORIOGRAFIA CEARENSE

JOAO CLÍMACO BEZERRA

Não me recordo se o conceito é de Capistrano de Abreu. Certo é que um dos nossos pesquisadores do passado, com muita razão, afirmou que éramos a provincia de passado histórico mais pesquisado, mais esmiuçado em todo o País. Realmente, contam-se entre nós nomes que se rivalizam com os maiores historiadores brasileiros: Theberge, Joaquim Catunda, Tomás Pompeu, Antônio Bezerra, Perdigão, João Brígido e tantos outros, deixando as figuras oraculares do Barão de Studart e de Capistrano de Abreu para encerrar a lista, qualquer que ela seja.

Sem embargo, acentua Carlos Studart Filho, nesse seu excelente recém-publicado "Os Aborígines do Ceará": "A história das tribos selvagens que habitavam o Ceará ao tempo em que ocorreu a conquista e o povoamento da terra pelos luso-brasileiros continua a ser das mais obscuras e fragmentárias." E logo acrescenta: "Não é que nas crônicas e documentos dêsses idos, escasseiem notícias a respeito dos silvícolas. Bem ao contrário disso. Nos milhares de papéis antigos trazidos à luz da publicidade pelo labor paciente e esclarecido do Barão de Studart, Antônio Bezerra, Perdigão de Oliveira e alguns outros abnegados historiógrafos patrícios, muitas são as referências ao índola e às guerras que houveram de sustentar os brancos para expeli-los da Capitania ou sujeitá-los ao domínio da Coroa lusitana."

Caberia ao Sr. Carlos Studart Filho, herdeiro daquelas tradições de pesquisador infatigável que ilustravam o erudito Barão de Studart — seu tio — o papel relevante de sistematizador dos estudos das tribos indígenas que povoavam o Nordeste, notadamente o Ceará.

A verdade é que não há cearense, medianamente instruído, que não tenha uma idéia da nação Tabajara e dos guerreiros Potiguaras, os primeiros a entrar em choque com o branco invasor, segundo parece. É que Alencar, nas páginas candentes de "Iracema", nos dá uma imagem romântica dessas gentes perdidas no passado da terra.

Mas a História reclamava, de há muito, uma investigação mais cuidadosa das origens e distribuição dessas tribos ao longo do território que hoje compõe o Estado.

Aliás, o capítulo aborígine avulta de suma importância na história do povoamento. De um lado, não parecia despicienda a demografia nativa à época da conquista. Muitas tribos se espalhavam de norte a sul da futura capitania, tôdas num grau de civilização mais ou menos idêntico, coabitando em lugares determinados, pacífica, ou nas lutas de conquista inclusive pela expansão territorial.

De acôrdo com as observações dos pesquisadores do passado, notadamente João Brígido, o povoamento do Ceará se operou mais pela incorporação dessas tribos à Coroa, do que pela imigração dos colonos brancos. Talvez percentualmente

os brancos europeus que compunham as tropas de fixação não chegassem a um têrço dos índios existentes. Acresce ainda que nas próprias tropas invasoras existia grande parcela indígena, como ocorreu precisamente com os homens de Medrado ou da Casa da Tôrre, que se embrenharam pelo Cariri.

O Sr. Carlos Studart Filho apaixonou-se pelo tema fascinante. Desde muito tempo vem estudando as diversas tribos indígenas do Ceará, através de trabalhos já hoje indispensáveis para o conhecimento da nossa formação.

Em 1931, por exemplo, publicava na "Revista do Instituto do Ceará" valiosa monografia, "Notas Históricas Sôbre os Indígenas do Ceará", que seria uma espécie de ponto de partida para os seus futuros trabalhos.

Conhecedor profundo da nossa pré-história, o Sr. Carlos Studart Filho sistematiza a sua obra com um rigor e uma paciência inexcedível. Vasta é sua bibliografia abrangendo o Ceará e o Maranhão em aspectos os mais variados.

Mas a fartura de documentação agora esplêndidamente sistematizada que êle vem consultando através dos tempos, como que se corporifica neste livro erudito e excessivamente lúcido: "Os Aborígines do Ceará".

Porque uma da características dos estudos do Sr. Carlos Studart Filho é a clareza de um vernaculista seguro e que foge propositadamente à exaustão das citações, das transcrições às achegas tão amigas dos falsos eruditos.

Apesar do tema altamente especializado, livro para estudo e não para simples leitura, o Sr. Carlos Studart Filho consegue prender o consulente, pondo-o em contato com um passado de lutas e de mesquinhas aspirações que era o universo das nossas origens.

Após a classificação das diversas tribos que habitavam a Capitania, o Sr. Carlos Studart Filho classifica cada uma delas pelos elementos essenciais: tipo físico, grupos dialetais, costumes, grau de civilização etc.

Não se trata, por forma alguma, de uma pesquisa apressada. Mas de um trabalho sério, rigorosamente científico, calcado em observações judiciosas e seguras.

Se o capítulo das tribos selvagens que habitavam o Ceará constituía um dos pontos deficitários no mundo das pesquisas dos nossos historiógrafos, consoante observa o Sr. Carlos Studart Filho, êle mesmo seria o resgatador dessa dívida.

Escreveu, com o seu "Aborígines do Ceará", o livro definitivo que a História reclamava.

E já não é mais possível qualquer incursão ao passado cearense, por mais leve que seja, dispensar a consulta obrigatória ao livro do Sr. Carlos Studart Filho que, na opinião de Raimundo Girão, outro especialista de mérito, é hoje "o mais forte e aparelhado cérebro a trabalhar e produzir no campo dos temas e problemas da historiografia cearense".

OPINIÃO DE PARSIFAL BARROSO

Do nosso ilustre amigo professor Parsifal Barroso, recebemos a missiva que abaixo transcrevemos:

"Fortaleza, 27 de junho de 1966.
Caro amigo Pantaleão Damasceno.

Permito-me externar uma opinião ao diligente e operoso promotor da divulgação dos nossos fatos culturais, a fim de poder chegar ao ponto desejado, no seu afanoso encargo de cooperar com o pesquisador Bill Chandler.

Muito embora seja um entusiasta das idéias do inesquecível e grande escritor

Yaco Fernandes, não é através do capítulo VII do seu notável e inédito livro — "Notícia do Povo Cearense" — que poderá dirimir as dúvidas e fixar conclusões a favor ou contra a tese defendida pelo honesto e percuciente professor norte-americano.

O capítulo intitulado "Farsa dos Libertadores" não se alicerça em fontes históricas novas, correspondendo ao tipo de pesquisa que o eminente José Honório Rodrigues assim definia: "Aquêle que é capaz de, sob a base das fontes conhecidas, interpretar originalmente, traz à história contribuição talvez tão importante quanto a do pesquisador de novos documentos."

Há um mestre da História do Ceará em excelentes condições de atender ao seu justo apêlo: Carlos Studart Filho.

Incite-o e não se arrependerá.

Um abraço do seu menor amigo
Parsifal Barroso."

CARTAS SÔBRE AS PESQUISAS DE BILL CHANDLER RECLAMAM A PASSIVIDADE DO INSTITUTO DO CEARÁ

PANTALEÃO DAMASCENO

Acabamos de receber uma longa carta de "um leitor assíduo dêste Suplemento", suplicando informações sôbre o prosseguimento das pesquisas levadas a efeito pelo professor Bill Chandler no Arquivo Público do Estado e na Biblioteca do Instituto do Ceará, concernentes à primeira província brasileira a conceder liberdade aos escravos, em obediência à lei que os liberou da escravidão.

Na correspondência aludida o missivista pede o endereço do pesquisador americano com quem pretende, se fôr possível, dialogar, e nas entrelinhas deixa bem claro que o estudo de Bill até certo ponto tem fundamentos lógicos, ao mesmo tempo que condena com veemência e estranheza a passividade do Instituto, órgão preservador e responsável pelo patrimônio histórico do Ceará.

Como não sabemos por onde anda a estas horas nosso amigo Chandler, aconselhamos o distinto leitor a dirigir-se mesmo aos componentes do Instituto do Ceará ou, em última análise, ao mestre dos historiadores cearenses, escritor Carlos Studart Filho, solicitando-lhe explicações mais detalhadas.

A nosso ver, ninguém melhor do que o General poderá atender a contento e responder tôda e qualquer pergunta referente ao assunto. Se assim afirmamos com tanta confiança é porque o ilustre homem de ciência aceitou e concordou com os fundamentos históricos encontrados pelo estrangeiro que ora nos visita, escrevendo, a propósito, neste Suplemento o que segue: "Revisionismo vamos fazer aqui divulgando o trabalho do prof. Bill Chandler, já bem conhecido entre nós como um pesquisador de altos méritos. Bolsista da Universidade da Flórida, veio ao Ceará para colhêr dados que o habilitassem a escrever uma tese sôbre a vida dos sertões dos Inhamuns. Tendo descoberto — em suas andanças pelos nossos arquivos — documentos inéditos da maior importância sôbre a libertação dos escravos no Ceará, escreveu a nosso pedido e baseado nesses documentos o artigo que será dado à publicidade pelas colunas dêste jornal para que o público dêle tome conhecimento, aprecie e debata como melhor lhe parecer."

O homem que escreveu estas palavras, meu caro leitor curioso, foi miserà-

velmente boicotado dentro do próprio Instituto no dia em que levou o assunto para ser discutido. Prèviamente houve um "combinemos" para que ninguém tomasse conhecimento da matéria. Mesmo assim o autor de "Páginas de História e Pré-História" expôs o problema em seus mínimos detalhes e pediu autorização à Diretoria para divulgar o seu artigo e os de Bill. A direção da Casa concordou com a publicação mas, logo em seguida, "trancou-se em copas", e até hoje a dúvida continua de pé sem que ninguém, de gabarito, apareça para dar ao público um cabal esclarecimento.

Ignoramos a atitude dos membros daquela prestigiosa instituição, negando-se a dizer algo sôbre um assunto de tão alta significação e abordado por um dos seus mais respeitáveis integrantes. Em face do silêncio do I. C., duas hipóteses se levantam diante de nós: primeira, os estudos de Mister Bill não têm nenhuma significação histórica e os documentos encontrados não são autênticos como verificou Carlos Studart Filho; segunda, não existe no seu quadro social ninguém com disposição de examinar o acervo pesquisado pelo americano, com receio de fazer novas descobertas e, conseqüentemente, abalar ainda mais os alicerces de nossa tradição histórica.

Dessa maneira, jamais teremos um pronunciamento oficial desfazendo tudo quanto disse Bill e que Carlos Studart confirmou. Agora é o caso de se perguntar: o X do problema está com a Diretoria do Instituto, da qual Studart faz parte, ou com êle próprio isoladamente?

De um modo ou de outro, alguém terá de aparecer para dirimir a dúvida surgida e dar o seu veredicto definitivo, recaindo o "prejuízo", se houver, para o lado em que a balança pesar menos. Mas, até que haja prova em contrário, os documentos encontrados continuam afirmando que não cabe ao Ceará a glória de ter sido o Estado pioneiro em desfraldar a bandeira de libertação aos escravos, em virtude de ainda em 1888 existir o elemento servil em alguns municípios cearenses.

Que os leitores desta página fiquem sabendo que muitas outras cartas e telefonemas temos recebido de centenas de pessoas interessadas em saber o resultado dessa contenda, na qual está em jôgo a glória de uma tradição quase centenária.

Como não somos historiadores, limitamo-nos apenas à divulgação dos fatos, apelando e colocando nossas páginas à disposição de quem se interessar possa, ou de alguém que se julgue com direito e capacidade de prestar esclarecimentos aos nossos conterrâneos. Pela insistência das missivas, observa-se o desejo do povo em saber de que lado está a verdade.

Estamos colecionando tôda correspondência que já recebemos até hoje sôbre escravos para depois enviar ao I. C. Há algumas com graves acusações, outras mais ingênuas e muitas com sugestões aproveitáveis e palpites diversos. Mas de tôdas a que nos despertou maior atenção foi essa última que nos levou a voltar ao assunto, fazendo as revelações acima. Ainda temos algo a revelar oportunamente. Tão logo Bill retorne de sua viagem a Milagres e outros municípios limítrofes, onde foi colhêr provas sôbre alforria de escravos, muita coisa vai mudar de aspecto e outros rumos tomarão os acontecimentos.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O ilustre mestre Carlos Studart Filho, abrindo um louvável e abençoado hiato no seu afanoso ofício de historiador, publicou um oportuno e precioso estudo sôbre os malefícios das histórias em quadrinhos, cuja divulgação bem merecia ser feita como de interêsse público.

Desgraçadamente, a civilização e a cultura do século XX tornam a humanidade insensível aos grandes perigos que não se situam no plano da destruição atômica.

Há uma completa indiferença à verdade, assim como uma ausência absoluta do sentimento do mal.

Por fôrça dessa lamentável contingência, bem poucos são ainda os que, a exemplo do erudito e previdente publicista de "Histórias em Quadrinhos e seus Malefícios", enxergam os perigos ocultos e invisíveis e podem justificar os seus alarmas, agitando a indiferença e a insensibilidade dos responsáveis pela educação do povo.

Não há negar que, se não fôra a coragem do autor, deixaria o Ceará de conhecer não apenas as opiniões certas de grandes autoridades especializadas em ciências que estudam a vida psíquica e o comportamento social, mas as conclusões a que êle mesmo chegou sôbre os perigos mortais dessa ilusão da leitura que, insensivelmente, liquidam os alicerces da cultura intelectual, impedem a visão real da vida, deformam a sensibilidade e geram a indiferença moral e os desajustes emocionais. A fim de se poder firmar uma compreensão aproximada do valor do estudo do mestre cearense, e dessa oportunidade, comparo a sua patriótica iniciativa ao gesto do sábio César Lattes, tão pouco divulgado, quando se declarou mais preocupado com os angustiosos problemas da educação afetiva, sensível e sexual da humanidade do que com as suas questões ligadas às partículas elementares do átomo e as fôrças intranucleares.

Aqui fica o meu aplauso caloroso à iniciativa do prof. Carlos Studart Filho,

Parsifal Barroso.

MEDICINA E FOLCLORE

BELO DA MOTA

São os livros que guardam as maneiras, hábitos, costumes e falas do povo, repositórios de estudos de épocas passadas, como são, também, graça para os que os lêem, integrados em tempos mais avançados de progresso.

A medicina, ciência conjetural por excelência, teve no início, ao arrepio das necessidades do homem branco, o recurso da curiosidade dos mais atilados. Êles buscam nas tentativas do emprêgo dos elementos da natureza, de mistura com misticismo, meios para se libertarem da dor e como interpretar os fenômenos que os amedrontavam.

Ao embalo dessa longa fase, a medicina viveu o pensamento dos homens e dos tempos, através da tradição, que é a memória da história. Hoje que avançamos para o domínio da vida com medicamentos que a prolongam e artefatos que substituem órgãos, ler êsses relatos de como curar doenças pela ação de vegetais, minerais, acompanhados de gestos e atitudes cabalísticas, acha-se inacreditável. E êles continuam a se transmitir no campo descoberto do pensamento do homem inculto.

Mas vale a pena conhecer êsses usos e costumes bem como a ação atribuída a determinadas fôrças vegetais ou minerais reforçadas pelo poder místico da fé. Entre nós êsses métodos e usos tiveram seu cunho próprio, adaptados pelo meio. Mas tudo se confunde como passos ao longo da interminável estrada do progresso e da vida.

O estudo e a compilação dessas velhas usanças têm merecido, entre nós, trabalhos de notável prestígio. Recordo Eduardo Campos, investigador incansável dêsses assuntos. Agora leio êste "Medicina Folclórica", escrito por um médico e intelectual de boa fêlpa que é o Dr. Jósa Magalhães. O autor parece sentir a volúpia de conviver com antigos habitantes do interior, homens da tradição e profundos conhecedores dessas fôrças ou ações de elementos da natureza.

Dêsses contatos êle colhe um universo de meizinhas e aplicações que ordenadamente separou e disciplinou em um livro de sabor admirável pelo conteúdo e pela forma. Leio êsse "Medicina Folclórica" e reparo o lado mistico que abraça o homem, a procurar tirar dos elementos da natureza, auxiliado pelas rezas e pelos gestos, a fôrça capaz de afastar o sofrimento do semelhante. Ou a interpretar os fenômenos que ferem a terra natal e seus habitantes. E me convenço que, ainda hoje, a dor e o mêdo oferecem ao homem desamparado a fé em determinados meios e agentes naturais abençoados pela crença religiosa como alivio às suas aflições e temores.

A civilização vai depurando êsses métodos, aperfeiçoando pela técnica os elementos capazes de minorar sofrimentos físicos, mas o lado místico não sofre declinio. Ao contrário, sobrepuja os meios reforçando-os como garantia de outros dias melhores para saúde e para vida.

Dou ao Dr. Jósa Magalhães, autor de excelente livro que acabo de ler e me ilustrou, meus calorosos aplausos.

MEDICINA FOLCLÓRICA

UBATUBA DE MIRANDA

O conhecido médico e apreciado intelectual Jósa Magalhães acaba de dar à luz da publicidade uma interessante e valiosa obra a que intitulou de "Medicina Folclórica" e que conquistou o prêmio "Cidade de Fortaleza", no ano próximo passado.

Compulsá-la é usufruir horas de prazer e deleite, tantas e tais são as passagens, os episódios e os flagrantes que nela se contêm.

A primeira parte é a **Introdução à Medicina Folclórica**, partindo dos povos primitivos desde tempos imemoriais ou da Idade Média. É uma tese, podemos dizer, erudita, um conjunto de conhecimento sôbre as doenças e o meio de curá-las. São páginas compactas de conhecimento generalizado de cultura de citações e de exemplos. Até a sua feitura gráfica se recomenda, saída da Imprensa Universitária do Ceará.

O Dr. Jósa leu demasiado, para nos brindar com êsse trabalho magnífico e de bom proveito. Só uma paciência beneditina poderia reunir tantos exemplos e tantos conhecimentos no assunto que abordou. A gente lê o seu livro com a melhor boa vontade, com o interêsse de conhecer o de que êle trata, e é vazado num estilo e num vernáculo que induzem à leitura.

A segunda parte refere-se aos agentes vegetais, com a riqueza da flora no tratamento das doenças: "os frutos édulos, as flôres odorosas, as cascas sumarentas e as raízes amargas e travosas, ricas de alcalóides, empregadas nas generosas tentativas de cura". E isso foi antes da descoberta da janaguba, com a sua casca e o seu leite já mercantilizados.

Cita êle um rol alentado de males, que são tratados por elementos abundantes de nossa rica flora: tosse, gripe, tuberculose, indigestão, cólicas, diarréias, prisão de ventre, verminose, hemorróidas, sarampo, asma, hidropisia, garganta, umbigo, doença de mulher, dermatose, impotência sexual, bicho de pé, litíase, papeira, paludismo, coração, vias urinárias, reumatismo, sinusite, doença do fígado, dor de cabeça, sangue, hemorragia, hérnia, frieiras, intoxicação ofídica, traumatismo, ferimento, feridas, tumor, olhos, dor de dente, câncer, diabete, caspa, ameba, febre e ouvidos. Aqui o Dr. Jósa enumera a terapêutica aplicada a tôdas as doenças.

Ouviu de criaturas, as mais variadas, relato de enfermeiros, raizeiros, pesca-

dores, agricultores, vaqueiros, trabalhadores rurais, e até de colegas seus, dando como bons resultados a aplicação de "remédios" os mais extravagantes, exóticos, sujos, malcheirosos, indecentes, anti-higiênicos, repelentes e amalucados. O autor de "Medicina Folclórica" é fabuloso na reprodução das cenas que presenciou no tocante à aplicação das "meizinhas", coletando dados, nas fontes, em muitas cidades do Nordeste e no exercício de sua clínica. Só se lendo o livro para se ter a idéia nítida do valor que êle encerra. Só as tiradas de desopilante humorismo no emprêgo dos remédios matutos valem.

Depois, vem a terceira parte — **Agentes Animais:** "a curiosa e extravagante terapêutica de natureza animal", enumerando o tratamento de inúmeras mazelas, por meio de "remédios" os mais desalmados, incríveis, fétidos, porcalhões e imundos, que provocam náuseas.

Enfeixa o livro com 246 páginas. Agora, temos a quarta e última parte que diz do tratamento das doenças por meio de agentes místicos: é a crendice popular no seu alto grau de fé nas "meizinhas" por meio de rezas, responsos, promessas a santos milagrosos, até a macumba, na superstição elevada às alturas, a crendice popular nas suas manifestações de fé, com uma dose bem acentuada de imbecilidade. O que se anota nesses delírios é a fé desordenada na esperança vã de curas impossíveis. A leitura dêsse livro serve até para desopilar fígados ingurgitados.

Necessário se torna que leiamos o livro do Dr. Jósa, para se aquilatar no que êle tem de bom, de positivo e de real na pesquisa, trabalho que êle escreve vendo de perto os "causos", as cenas e os flagrantes, dando-lhe a sua alma e o seu espírito de clínico. É abundante de citações, colhidas em fontes insuspeitas.

"Medicina Folclórica" é, sem favor, um livro que vai ficar.

Grato pela remessa do exemplar que me ofertou.

ANOTAÇÕES SÔBRE UM LIVRO

("Páginas de História e Pré-História" — Carlos Studart Filho — Editôra Instituto do Ceará)

HENRIQUE GONZALEZ

O nome Studart relembra a figura veneranda do grande estudioso, fundador do Instituto do Ceará. Vê-lo em letra de fôrma adivinha-se à primeira vista: trata-se de obra mestra.

Carlos Studart Filho, veterano na arte de escrever, sabe conduzir-se com espontaneidade, currente calamo. O raciocínio esponta de imediato, feliz e, sobretudo, claro. Maneja o documento com habilidade, esclarecendo numa exegese franca, sem gaguismo e sem dúvida. Fala do nosso avôzinho distante e não esconde a crueza reinol, crueza essa que, quando não podia ser feita diretamente, o branco buscava outro índio inimigo para combater seu irmão de selva.

Tal franqueza, no dizer verdades, é o fácies mais nobre do escritor. Os homens que falam alto e bom som não chegam até aqui. Camilo, Oliveira Martins, Herculano, não são reeditados. "Portugal nos Mares", de Oliveira Martins, é obra rara.

Quando o historiador toma a si a narrativa fiel dos acontecimentos, sem receio de perder amigos, merece a simpatia mais cordial, pois é cediço repetir-se que não se pode tapar o sol com uma peneira.

Carlos Studart Filho nos descreve em vários capítulos tôda a luta entre índios

e brancos, luta feroz, em que aquêle sempre era vencido e brutalizado e, para justificar-se a violência, exagerava-se a antropofagia. Pedro Álvares Cabral, Caramuru, João Ramalho, Anthony Knivet, Hans Staden, Ulric Smidel, não foram comidos pelos índios. Knivet era inglês e pirata; Staden e Smidel eram alemães. E Jean de Lery?

O livro do Dr. Carlos Studart Filho é digno de figurar nas bibliotecas como obra de consulta.

A crueldade portuguêsa e espanhola encontrou em Las Casas, em Vieira, que era português, os mais veementes acusadores, e a expulsão dos jesuitas se deveu a essa defesa contra aquelas almas boa e puras, que queriam viver a vida pacífica das missões. O padre burilava o espírito animalizado, aparava-lhe as arestas pelo trabalho, mas era tanta e tão inominável violência do colonizador, que o próprio índio perguntava ao alienígena, que Deus era o dêle que cometia tantos delitos contra a honra e contra a vida de povos que queriam viver em paz. E o sacerdote sofria também nas mãos do índio, porque foi com o homem branco que veio não só a crueldade mas a doença, a varíola, a sífilis, a tuberculose, e tudo que de mau se pode imaginar.

Esta é a primeira parte do livro, onde conta as barbaridades de Pêro Coelho, castigado pela natureza inclemente do Nordeste.

A segunda parte trata da "Pré-História", "Enfermidades e a Média da Vida Entre os Homens Primitivos", "Descoberta e Conquista de Novas Plantas" e, um "Problema de Nosologia Histórica".

Carlos Studart Filho formou sua mentalidade na Suíça, para onde foi na sua juventude, e ali pôde, não só respirar os bons ares das montanhas de gêlo, mas também aprendeu na terra livre, na qual Rousseau fêz o "Contrato Social" a ter personalidade, porque na Suíça, país onde podem viver três grupos humanos diferentes, francês, alemão e italiano, contingência da fronteira, há paz e progresso.

O último capítulo histórico sempre foi assunto controvertido, o da sífilis, pelas opiniões várias em tôrno do primeiro veiculador do **treponema pallidum.**

Houve na Europa um período epidêmico, episódico, nos séculos XIV e XV, coincidindo com a chegada de Colombo de volta da América, no entanto, tudo faz crer que haja confusão entre a sífilis, a leishmaniose e o bubão, já conhecido no Oriente de longa data sobremaneira na parte moura da Espanha. Poderia ter sido até a bubônica porque dava-se o nome de peste. Jerônimo Munzer, de Nurenberg, o afamado Dr. Monetário, em 1584, chegava a Portugal, fugido da peste montado numa mula. É provável então que tanto a bubônica como a sífilis estivessem assolando a Europa, havendo, apesar das características etiológicas diversas, se confundido històricamente. Rezam as crônicas que a devastação maior foi na Rússia, a da sífilis mesmo.

Um dos médicos alemães do tempo, Ulrich Hutten, publicou, em 1519, o **Libelum Guaiaci Medicum et Morbo Gallico.** Êle foi vítima da moléstia e do tratamento:

> "No começo da epidemia o aspecto dos doentes, cujos médicos fogem à sua aproximação, é hediondo. Apresentam úlceras em forma e talhe de uma bolota de carvalho, largas e salientes, de onde escoa um humor repugnante e dum tal fétido, que é o bastante para a gente se sentir infectado. Apresentam também côr esverdeada aproximando-se do tom negro.
>
> Não é possível descrever-se, acrescenta Hutten, as dores que os pacientes sofrem ao nível das tumefações, produzidas pelos depósitos e tuberculos, pouco depois que ficam endurecidos."

Não deixa de ser um livro utilíssimo, abrindo caminhos não só para o conhecimento da História do Ceará, do Maranhão, de todo Nordeste, como também nos leva para outros horizontes, nos quais o pouco que se conhece é em excertos, por não ser assunto para compreensão de todos.

O autor tem obras admiráveis, como "O antigo Estado do Maranhão e suas Capitanias Feudais", tese não muito fácil de ser abordada, porém, o Dr. Carlos Studart Filho possui o arquivo da família, escrínio das mais belas jóias que o Barão catalagou com sua paciência de homem apaixonado.

Consultarei seu livro com segurança absoluta, porque a obra nos revela tanta cousa histórica desconhecida, difícil. Não se pode manusear fàcilmente Bethendorf, Berredo, as obras sôbre a Ibiapaba, e mais ainda os raros documentos, alguns inéditos, que o autor possui e cita freqüentemente.

A GLÓRIA DE SAMPAIO

CARLYLE MARTINS

Pela argúcia de sua inteligência esclarecida, atributos de pesquisador paciente e infatigável e, acima de tudo, possuidor que é de amplos conhecimentos do que se refere aos fatos mais notáveis e importantes da vida brasileira, especialmente da cearense, desde os tempos coloniais aos nossos dias, não se pode negar que o Gen. Carlos Studart Filho, membro do "Instituto do Ceará" e da "Academia Cearense de Letras", é historiador honesto e competente, dentre os que dignificam a mentalidade conterrânea.

Autor de numerosas obras largamente elogiadas pela crítica independente e sensata, que há reconhecido e proclamado seus alevantados méritos de esmerilhador dos arcanos do passado, o Gen. Carlos Studart Filho vem de uma estirpe que tem a honra de contar, como figura das maiores, o Barão de Studart, vulto de inconfundível relêvo, cuja memória é patrimônio que exalta o rincão de Clóvis Bevilàqua e Capistrano de Abreu, Farias Brito e Gustavo Barroso.

Do probidoso confrade e fecundo homem de letras, lemos, não faz muito, o volume intitulado "Antônio de Sampaio". Contribuição do Instituto do Ceará as solenidades comemorativas do Centenário da Batalha de Tuiuti, ensaio dos melhores que têm surgido em tôrno da personalidade e atuação do Grande Soldado, que tanto enalteceu a sua terra e a sua gente, em surto de altivez e em gestos de coragem.

Discorrendo com proficiência e exatidão a respeito dos feitos inesquecíveis de Sampaio, "bravo que lutou e morreu pela pátria", o Gen. Carlos Studart Filho elaborou trabalho de rara magnitude, que deve ser lido e compulsado por todos aquêles que se interessam por assuntos desta natureza.

Através de 63 páginas, elaboradas com elegância estilística e nítida visão das coisas de outrora, o Gen. Carlos Studart Filho rememorou os diferentes lances da vida de Antônio de Sampaio, desde a sua infância obscura, decorrida em Tamboril, à sua morte gloriosa, no transporte de guerra denominado "Eponina", em águas estrangeiras demorando-se em vastas considerações a respeito do seu caráter inamolgável, da nobreza dos seus sentimentos e de sua grandeza moral, afirmando que, de tão grande vida, "o sacrifício deve ser olhado pelos moços como uma lição magnífica de renúncia e de desprendimento".

Ótimo retrato de Sampaio ilustra o excelente ensaio do Gen. Carlos Studart Filho, encontrando-se, em apêndice, cuidadoso e completo "Sumário Cronológico da História do Guerreiro", nascido a 24 de maio de 1810 e falecido a 6 de julho de 1866.

Resta-nos agradecer ao Gen. Carlos Studart Filho as palavras generosas com que nos ofereceu um exemplar do seu livro, expressões por certo imerecidas, mas que, de qualquer modo, revelam a fidalguia do seu espírito.

"Unitário", 29-9-1966.